

A INFLUÊNCIA DO DISCURSO MIDIÁTICO NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO NORTE DE MT: “SINOP – A EPOPÉIA NA SELVA”

Keila Rejane Warmling¹

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, que se inscreve no âmbito da pesquisa em Análise de Discurso (AD), difundida na França por Michel Pêcheux e no Brasil por Eni Orlandi (e seus precursores), procuro observar os efeitos de sentidos produzidos através da propaganda impressa, veiculada no Estado do Paraná, na década de 70, e que foi de grande relevância para o processo de colonização do Norte do Estado de Mato Grosso, mais especificamente, da cidade de Sinop.

A cidade é tomada pela mídia (tanto em décadas passadas, como na atualidade) como uma verdadeira “Ilha da deusa Calipso, que acolheu Ulisses em sua Odisséia”² - sem qualquer tipo de deterioração ou traço de subdesenvolvimento. Partindo do pressuposto de que para a AD a língua não é transparente, não é estrutura estabilizada, mas ‘acontecimento’ em que o sujeito é afetado pela história e interpelado pela ideologia, é relevante pensar as estratégias linguísticas utilizadas pela mídia que contribuiu para a configuração do território Norte Mato-Grossense e que, continua a atrair migrantes para esta região, em especial à cidade de Sinop, tida como pólo regional.

O ‘discurso’, como definido por Pêcheux (1969) “é efeito de sentido entre interlocutores”, ou seja, não há um sentido dado, pré-determinado e único. Essa não

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Letras (Português/Inglês e Respektivas Literaturas) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Sinop (2010). Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e Inglesa (pela mesma Instituição, 2012). Atualmente, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT – *Campus* de Cáceres - 2015).

² Expressão tomada por empréstimo de Nelly de Carvalho (2009) em sua obra: Publicidade – A Linguagem da Sedução.

transparência da linguagem permite afirmar que, os sentidos se constituem na opacidade, uma vez que, a língua só faz sentido porque está diretamente ligada à história. Nesse sentido, busco compreender através do estudo sócio-histórico-ideológico, as estratégias persuasivas do discurso midiático, que, desde o período da colonização, têm apresentado a cidade de Sinop como sinônimo de ‘progresso’, de ‘terras férteis’, de ‘desenvolvimento precoce’ e de inquestionável ‘beleza’, configurando-se assim, como uma construção ideológica de base desenvolvimentista, fundamental para o processo de ocupação do local.

COMO TUDO COMEÇOU...

A cidade de Sinop, fundada em 14 de setembro de 1974, é resultado das políticas governamentais de ocupação da Amazônia Legal³ ocorrida na década de 70. Na época, existia forte incentivo do governo para que houvesse a ocupação das terras do Centro-Oeste Brasileiro, conhecidas até então, como “espaços vazios”. O PIN (Plano de Integração Nacional), assinado pelo presidente Médici em julho de 1970, sob o lema “Integrar para não Entregar” teve notória relevância no processo de colonização do Norte de Mato Grosso. Este plano geopolítico tinha como objetivo abrir rodovias de integração nacional. Através de incentivos do governo, tais como a aprovação de projetos de colonização ao redor dessas rodovias, ampliavam-se as condições para o capital privado atuar no local. De acordo com Souza:

Defendia-se a ideia de que a iniciativa privada era essencial para a ocupação da Amazônia, valorizando, sobretudo, o seu espírito empresarial, privatizando as terras para se criar uma agricultura moderna e extensiva. (SOUZA, 2004, p.82)

Assim, mais especificamente, a partir de 1972, a Colonizadora privada SINOP S/A (Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná – a qual deu origem ao nome da cidade), implanta o Projeto de Colonização do Núcleo Colonial Celeste – “Gleba

³ A Amazônia Legal, instituída em 1953 pela Lei N.º1.806, tem uma área de aproximadamente 5.217.423 km², e engloba os seguintes Estados brasileiros: Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Roraima, Rondônia, Tocantins (em sua totalidade) e parte dos Estados do Maranhão (Nordeste) e Mato Grosso (Centro-Oeste).

Celeste”, que atualmente corresponde aos municípios de Cláudia, Vera, Santa Carmem e Sinop.

Embora todas essas cidades tenham tido o mesmo processo de colonização, neste trabalho procuro dar ênfase à Sinop, por ser a cidade que apresenta maior divulgação na mídia regional, tida como cidade pólo no Estado e que, atualmente abriga a sede da colonizadora. Segundo relatos da própria SINOP S/A:

a cidade foi planejada detalhadamente para ser um pólo urbano e regional, sendo o projeto urbanístico incrementado para abrigar até 150.000 moradores, dotado de amplas avenidas, áreas institucionais e grandes áreas verdes, superiores, inclusive, ao módulo mínimo sugerido pela ONU por habitante/metro quadrado.

A cidade de Sinop foi elevada a Distrito em 29 de junho de 1976 pela Lei 3.754, sancionada pelo então governador do Estado de Mato Grosso Garcia Neto e transformada em Município em 17 de dezembro de 1979 pela Lei 4.156, aprovada pelo governador Frederico Campos. A cidade fica a uma distância de 503 km de Cuiabá (capital do estado de MT) e segundo dados do IBGE – 2015 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população estimada é de 129.916 habitantes.

Segundo o professor/historiador Luiz Erardi (2004), a partir de junho de 1972, famílias inteiras migraram do Sul do país para a Gleba Celeste. Estes migrantes, segundo o historiador, passaram por situações difíceis de sobrevivência em meio a desconhecida e selvagem Floresta Amazônica. Estavam muito distante de seus lugares de origem, dos parentes, amigos, sem qualquer meio de comunicação, expostos a doenças (como a malária que acometia em grande intensidade a população na época) e muito longe de qualquer recurso de saúde. Nesse sentido, PHILIPPSEN reafirma as condições precárias a que esses migrantes foram submetidos e, itera sobre a força persuasiva da mídia, que muito contribuiu para que esses colonos se deslocassem de seus lugares de origem em busca da ‘terra prometida’:

Assim, a partir de 1972 começam a chegar os primeiros migrantes, lembrando que a BR -163, no entanto, apenas chegou a Sinop em 1974, desprovida ainda de pavimentação asfáltica. As chuvas de verão encarregaram-se de transformar o trajeto ao longo da BR num grande atoleiro, dificultando muito o acesso à cidade. Porém, as promessas de terras férteis e uma vida melhor daquela que os colonos levavam no Sul do

país, propagadas por efusivas propagandas nos meios de comunicação da época, não abalaram os ânimos dos colonizadores que se arriscavam nas mais difíceis jornadas, enfrentando todos os tipos de perigos. (PHILIPSEN, 2007, p. 22)

A mídia, portanto, foi (e continua sendo) um dos grandes pilares no processo de ocupação destas áreas. No estado do Paraná, veiculavam-se inúmeras propagandas nos jornais impressos “Folha de Londrina” e “O Globo”. Propagandas estas, que tinham como objetivo convencer os colonos sulistas a deslocarem-se para o Norte de Mato Grosso, na promessa de encontrarem, no ‘coração da Amazônia’, o tão sonhado ‘Eldorado’, com abundância de terras férteis, clima favorável à produção agrícola e exuberância da flora e fauna, concretizando, assim, o sonho de uma vida melhor. Vale destacar, porém, que nem todos os migrantes foram beneficiados com o processo de colonização dessa região. Nesse sentido, PERIPOLLI denuncia:

Ao migrante, colocado nos projetos como “protagonista” dessa política, não restou outro espaço a não ser o de fornecedor de mão de obra ao grande proprietário, ou seja, o de tornar-se um proletário rural, um excluído do processo produtivo, quando não vítima da violência e dos desmandos das colonizadoras. (PERIPOLLI, 2002, p. 5)

Dessa forma, compreende-se que, no panorama midiático, muitas das frustrações do período de colonização foram “silenciadas”. Muitos dos chamados “peões” que se deslocaram de seus lugares de origem sob os efeitos das propagandas realizadas pela colonizadora, servindo de mão de obra barata, trabalhando por longas jornadas diárias, morando em condições subumanas e que, conseqüentemente, sucumbiram a inúmeras doenças, têm sua história excluída, omitida, silenciada dentro da trajetória de colonização do Estado.

CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS

Os jornais impressos, de cunho privado, que veiculavam na década de 70 no estado do Paraná não eram os únicos meios de comunicação da época que exaltavam de maneira ufanista a colonização das terras no interior de Mato Grosso. A divulgação também se fazia por meio de revistas e folhetins da própria

colonizadora, bem como, por jornais que circulavam na parte sul do estado, como os jornais de Cuiabá.

Atualmente, além dos jornais impressos e televisivos que veiculam no estado de Mato Grosso, sempre exaltando Sinop como cidade pólo – “A Capital do Nortão” – também circulam as revistas da colonizadora e da prefeitura, que em edições especiais em comemoração ao aniversário da cidade (no mês de setembro) dedicam-se exclusivamente à divulgação da história de Sinop.

Percebe-se nestas revistas que toda a ideologia desenvolvimentista, visível nos *slogans* “Sinop, a Marca do Trabalho”, “Sinop, Campo Fértil para Investir”, “Sinop, Terra de Realizações e Conquistas”, “Sinop, a Metrópole do Nortão”, dentre tantos outros, está ancorada, sobretudo, na “comparação”. As revistas abordam inicialmente a história de Sinop no período da colonização e, posteriormente, o contexto atual, trazendo desse modo, a ideia de “progresso”, de “desenvolvimento precoce”, inclusive, colocando lado a lado as imagens da cidade na década de 70 e na atualidade. Se antes o discurso girava em torno do *slogan* “Sinop: um passo para a conquista da Amazônia”, agora fala-se em “Sinop, a Capital do Nortão”.

O anúncio abaixo, retirado do jornal “Folha de Londrina” com data de 6 de novembro de 1974, demonstra efetivamente os efeitos de sentido mobilizados para atrair migrantes à região.



Como se pode observar, as propagandas buscavam enfatizar principalmente a qualidade das terras, a fertilidade dos solos para a prática da agricultura e as facilidades de produção, “silenciando” dessa maneira, as dificuldades as quais os colonos teriam que enfrentar em meio à mata fechada, desconhecida.

Os anúncios utilizavam-se também, dos recursos imagéticos, de grande relevância para a comprovação da veracidade dos fatos, daquilo que se propagava na época. É visível na imagem do “hotel” (localizado no anúncio logo acima do arvoredo), uma das estratégias persuasivas da mídia, ao enfatizar: “Na Gleba Celeste já há hotéis em Funcionamento”, ou seja, era preciso afirmar que havia alguma estrutura para receber os migrantes, tendo em vista, a ausência de rodovias com pavimentação asfáltica e as longas distâncias entre seus lugares de origem.

A imagem do arvoredo por sua vez, além de comprovar o potencial madeireiro na Região, indica a fertilidade do solo, bem como, por estar em fase de derrubada, demonstra o rápido crescimento do local, que dará lugar às produções agrícolas, à cultura do café, da pimenta e de cereais (os mais cultivados na época).

Nas outras quatro imagens, dispostas no lado direito do jornal, é visível a construção das primeiras moradias, não tão pequenas como deveria se esperar de um lugar em meio à Floresta Amazônica e em processo de formação, o que novamente remete a riqueza do local, principalmente o fácil acesso à madeira (material utilizado na construção das habitações). E posteriormente, as demais imagens reproduzem o momento de inauguração da cidade de Sinop, na qual é perceptível a ênfase que se dá ao colonizador Ênio Pipino e sua esposa Nilza de Oliveira Pipino.

Nesse sentido, é importante destacar que, os migrantes sulistas, como é o caso do colonizador Ênio Pipino que, embora ter nascido no estado de SP, foi no Paraná que se consolidou como empresário da colonizadora SINOP S/A, e foi deste estado que, posteriormente deslocou-se para o Norte de Mato Grosso, sempre foram tidos/vistos (através de um construto histórico-ideológico) como “o povo trabalhador”, “o povo desbravador”. Dessa maneira, é possível asseverar que, a imagem do colonizador não está ali para que se visualize um homem qualquer, mas,

sobretudo, a representação do homem “braço forte”, “corajoso”, “trabalhador” e, portanto, digno de homenagem.

Ao abordar o perfil ideal do migrante-colonizador do norte mato-grossense, Guimarães Neto afirma:

Necessitava-se, naquele momento, de homens fortes que ‘acolhessem os fracos e oprimidos’, desde que não saíssem do próprio povo e que não representassem alguma liderança política emergente de uma experiência de luta pelos direitos dos trabalhadores. O ‘empresário do Sul’, o ‘bandeirante moderno’, que se interessava pelas riquezas da Amazônia, revelava-se o ‘comandante ideal’ de uma política que apontava do alto a estratégia mais eficaz para ‘preencher os espaços vazios’. (GUIMARÃES NETO, 1986, p.75-76)

Como podemos observar no excerto, havia necessidade de ‘homens fortes que acolhessem os fracos’. Entende-se, no entanto, que essa “fortaleza” não estaria designando a força física, braçal, embora fossem forças necessárias para a abertura da mata. Tratava-se antes de tudo, de uma força ligada ao poder econômico e ao caráter empreendedor, indicando nesse aspecto uma inversão de valores, na medida em que o “fraco” (que seria o “forte” se pensado na força de trabalho física) representava a mão de obra barata e as altas jornadas de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o processo de identificação da Região Norte Mato-Grossense foi e continua sendo uma construção ideológica projetada fundamentalmente pela mídia a partir de discursos políticos de base desenvolvimentista. Desde o início da colonização, na década de 70, a estratégia política geoeconômica da ditadura militar vale-se dos recursos da mídia para propagar as vantagens de migrar ao Centro-Oeste e encontrar terras férteis, lucros fáceis e ascensão social. Retratar e analisar essas manifestações discursivo-culturais propagadas pela mídia, bem como suas relações com os contextos econômicos e ideológicos foi o propósito maior deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Nelly. *Publicidade: a Linguagem da Sedução*. São Paulo: Ática, 2009 .
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde*. Campinas/SP: Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1986.
- GRUPO SINOP. Responsabilidade Social. Disponível em <http://www.gruposinop.com.br/responsabilidade.php>>. Acesso em 8 de setembro de 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. Mato Grosso. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=510790>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.
- PERIPOLLI, Odimar J. *Amaciando a Terra – O projeto casulo: um estudo sobre a política educacional dos projetos de colonização do Norte de Mato Grosso*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- PHILIPPSEN, N. I. *Midia Impressa e heterogeneidade: polemicas da esfera da atividade madeireira no espaço discursivo da Amazônia Legal*. Dissertação de Mestrado. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.
- SANTOS, F.E. Luiz. *Raízes da História de Sinop*. Sinop: Midiograf, 2011.
- SOUZA, E. A. de. *Sinop: história, imagens e relatos. Um Estudo Sobre a Colonização de Sinop*. Associação Brasileira das Editoras Universitárias. Cuiabá, 2004.
- SUDAM. Legislação Sobre a Criação da Amazônia Legal. Disponível em <<http://www.sudam.gov.br/legislacao>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.